

Inovação Pedagógica no Basquetebol Jovem: Missão Difícil mas Necessária

Innovación Pedagógica en Baloncesto Juvenil: Misión Difícil pero Necesaria

Pedagogical Innovation in Youth Basketball: a Hard, Urgent Task

Gonçalves, C.E.¹, Martins, A. M.¹ and Carvalho, H.M.²

1 Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra, Portugal.

2 Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Brasil

Resumo: A investigação na Pedagogia do Desporto tem aberto vias inovadoras na abordagem do treino. Todavia, os resultados revelam reduzido impacto sobre as práticas dos treinadores. O presente estudo analisa a estrutura dos treinos de equipas jovens de Basquetebol e as percepções dos treinadores sobre a inovação pedagógica.

Doze equipas sub-16 participaram no estudo. As sessões de uma semana de treino do período competitivo foram gravadas em vídeo e analisadas através da versão reduzida do CAIS. Os doze treinadores responderam a entrevistas semi-estruturadas.

Não foram observadas diferenças na estrutura das sessões semanais entre as equipas. Os treinadores conhecem as teorias recentes mas, na sua opinião, “não resultam”, porque a competição prevalece sobre a aprendizagem activa. Todos consideram que qualquer jogo com oposição representa “treino de tomada de decisão”. Os resultados confirmam pesquisas anteriores que sugerem que os treinadores constroem o seu conhecimento no âmbito da cultura do desporto e do clube.

Palavras-chave: Basquetebol, treinador, inovação, tomada de decisão

Resumen: La investigación en Pedagogía Deportiva ha abierto caminos innovadores en el enfoque del entrenamiento. Sin embargo, los resultados muestran poco impacto en las prácticas de los entrenadores. Este estudio analiza la estructura de los entrenos de los equipos juveniles de baloncesto y percepciones de los entrenadores en la innovación pedagógica. Doce equipos sub-16 participaron en el estudio. Las sesiones a la semana de entrenamiento en el período competitivo se registraron en vídeo y analizadas por la versión reducida del CAIS. Los doce entrenadores respondieron a entrevistas semiestructuradas. No se observaron diferencias en la estructura de las sesiones semanales entre los equipos. Los entrenadores saben las teorías recientes, pero, en su opinión, “ningún resultado” porque la competencia

tiene prioridad sobre el aprendizaje activo. Todos creen que cualquier juego con oposición es “la formación de toma de decisiones”. Los resultados confirman investigaciones anteriores que sugieren que los entrenadores construyen su conocimiento en el contexto del deporte y de la cultura de club.

Palabras llave: Baloncesto, entrenador, innovación, tomada de decisión

Abstract: Research in Sport Pedagogy has opened diverse and innovative teaching approaches both theoretically and practically. However, research findings have had little impact in altering coaches' behaviours. The present study aims to examine the structure of practices in youth basketball teams and the perceptions of the coaches about pedagogical innovation. Twelve under-16 teams, ranging in ability from local to elite (8 male and 4 female) participated in the study. Each team was video recorded in all weekly practices during the competitive season using the reduced version of CAIS. Twelve coaches (aged 29 to 65 years, with 9 to 35 years of experience), attended semi-structured interviews about their concepts and use of pedagogical innovation. No diversity in practice structure was observed among the 12 coaches/teams. The only factor that influenced the sequence and contents of the sessions was time to competition. Eight of the coaches said they did not care about sport pedagogy theories. The other four were aware of recent theories but, in their opinion, “it does not work”, because competition prevails over active learning. All coaches considered that every game with opposition in practice represents “decision making training”. The findings corroborate previous research suggesting that coaches construct their knowledge embedded in their sport and club culture, and that coach education programmes seem to have little relevance for coaches' behaviour change.

Keywords: Basketball, coach, innovation, decision-making

Introdução

Nas duas últimas décadas assistiu-se a uma considerável expansão no interesse, dedicado, tanto na academia como no âmbito do desporto organizado, pela investigação das abordagens do ensino dos jogos centradas nas aprendizagens tácticas, suportadas em molduras teóricas de matriz construtivista. Este movimento surgiu como alternativa às metodologias de ensino ditas « tradicionais » que supostamente se focariam no domínio das técnicas (Light, 2013). A razão para a im-

plantação e aceitação generalizada desta conceptualização do treino diferencia-se por dois planos: (i) ao nível da iniciação desportiva, a passagem do controle da progressão pedagógica para o jovem atleta, facilitaria a compreensão do processo por parte do aprendiz, que levaria a maior satisfação com a prática e a redução do abandono (Camiré, Trudel & Fornieris, 2014); (b) no alto rendimento, considera-se cada vez mais importante que o atleta seja capaz de, autonomamente, tomar decisões adequadas à situação de competição (Hodge, Henry & Smith, 2014).

A principal referência pedagógica no campo é representada pelo modelo Teaching Games for Understanding (TGfU), que inspirou outras experiências e desenvolvimento dos

Dirección para correspondencia [Correspondence address]: Carlos Eduardo Gonçalves. Faculdade de Ciências do Desporto. Universidade de Coimbra. Estádio Universitário, Pav. 3. (Portugal). E-mail: carlosgoncalves@fcddef.uc.pt

mesmos princípios, tais como *Game Sense*, *Game Centered Approach* ou *Tactical Learning*. No domínio do ensino dos jogos, o TGFU tornou-se hegemónico a nível mundial, dando corpo a um sólido corpo de literatura pedagógica e agregando grupos de investigadores e professores, em congressos, seminários e grupos de interesse funcionando em rede. O efeito directo no treino, para além do impacto na filosofia do treinador, seria concretizado na organização dos conteúdos e sequências, construção e escolha dos exercícios de treino, avaliação do sucesso e comunicação e questionamento acrescidos entre treinador e atleta.

Apesar do potencial oferecido pela pesquisa realizada, levada a cabo em ambiente de clube, escola e federações de modalidade e que analisou muitos dos problemas com que se deparam treinadores e professores, continua a existir resistência por parte dos profissionais em aderir a metodologias de ensino centradas no aprendiz como agente activo do seu próprio desenvolvimento. Estudos recentes têm vindo a criticar os processos de formação de treinadores, demasiado centrados nos aspectos curriculares que supostamente garantiriam o acesso a novos conhecimento por parte dos treinadores e a consequente melhoria da sua intervenção no treino (Collins, Burke, Martindale & Cruickshank, 2014; Stodter & Cushion, 2014).

Ao mesmo tempo, no âmbito do planeamento do treino, o declínio da hegemonia dos modelos tradicionais de periodização, não conduziu a uma mudança consistente de paradigma, continuando a coexistir conceitos de organização temporal do treino bastante heterogéneos em que os treinadores adaptam a teoria às suas necessidades de calendário, de nível competitivo e de comprometimento dos atletas (Kiely, 2012)

Estes dois aspectos estão intimamente ligados, apesar da sua aparente diferenciação, pois constituem o cerne da prática pedagógica, em que os conteúdos de ensino são sequenciados de modo a otimizar a qualidade do atleta e do jogo, a competitividade das equipas e a motivação dos atletas. A investigação das supostas resistências dos treinadores à inovação tem sido até ao presente o elo fraco de um programa coerente e continuado no tempo de melhoria da formação de treinadores. Este é um tópico que tem estado singularmente ausente do debate académico e profissional no Basquetebol, em especial em Portugal.

A fragilidade central de grande parte dos estudos é partir de evidências empíricas baseadas nas opiniões dos próprios treinadores após cursos de formação ou em auto-avaliações, em que os treinadores exprimem aquilo que pensam que aprenderam ou já sabem. Embora o estudo das percepções dos treinadores seja útil, encontra-se enviesado pelo auto-conceito que o treinador formou sobre o seu próprio treino.

Torna-se pois necessário ir ao encontro do treinador como indivíduo, em processo de ensino e de treino e situado em ambiente ecológico determinado. O conhecimento da cultura do clube e do desporto, das rotinas e interações entre os

vários actores do treino, constituem o primeiro passo para a compreensão do modo como os treinadores agem e aprendem, de modo a viabilizar posterior intervenção **no processo de melhoria da formação de treinadores e de formadores.**

Como abordagem inicial ao tema, escolhemos a combinação de metodologias observacionais e qualitativas. As primeiras permitem um diagnóstico preciso da forma como os treinadores estruturam a sua prática e a sequenciam ao longo do tempo. Para facilitar a comparabilidade com outros estudos e pela sua clareza conceptual, escolhemos como instrumento de registo e classificação das ocorrências no treino a versão reduzida do Coach Analysis and Intervention System (CAIS; Stodter & Cushion, 2014). As segundas metodologias abrem vias para a expressão do treinadores, com resposta a questões concretas directamente relacionadas com as suas ideias e práticas. Como padrão de inovação pedagógica a ser posto à consideração dos treinadores, elegemos o paradigma construtivista, especificamente na sua versão de Teaching Games for Understanding.

Assim os objectivos do presente estudo são: (a) analisar a estrutura dos treinos de equipas jovens de Basquetebol e (b) as percepções dos treinadores sobre a inovação pedagógica.

Métodos

Participantes

Doze equipas sub-16, desde o nível local até à elite nacional (8 masculinas e 4 femininas), participaram no estudo. Os doze treinadores principais, com idades entre 29 e 65 anos ($M=37,8 \pm 8,5$) e experiência entre 9 e 35 anos ($M=15,2 \pm 6,7$) responderam a entrevistas semi-estruturadas sobre os seus conceitos de ensino e aplicação de inovação pedagógica. Todos os treinadores possuíam formação da Federação Portuguesa de Basquetebol, tendo 7 deles um diploma universitário na área da Educação Física e Desporto

Observação de treinos

Todas as sessões de uma semana de treino do período competitivo foram gravadas em video e analisadas através da versão reduzida do CAIS (Stodter & Cushion, 2014). Dado que as equipas tinham diferentes volumes de treino, apenas 3 sessões por equipa foram analisadas.

O CAIS é um instrumento de observação sistemática de comportamentos, desenhado para fornecer dados detalhados relativos ao contexto em causa. No presente estudo foi utilizada uma versão reduzida.

Entrevistas

As entrevistas foram realizadas antes de uma sessão de treino,

em local escolhido pelo treinador. As perguntas dirigiram-se à opinião do treinador sobre as questões pedagógicas julgadas pertinentes para investigação: (i) “Tem conhecimento de ou usa as teorias construtivistas (TGfU) na preparação dos seus treinos? Em caso afirmativo, qual a sua opinião sobre a sua eficácia para a melhoria do processo de treino?” (ii) “Qual a importância que confere à tomada de decisão no basquetebol actual? Que estratégias usa para a treinar?”. As respostas foram registadas *verbatim* e a análise de conteúdo, mediante a identificação de unidades de significado que permitissem definir percepções claras foi efectuada por dois dos autores. Dada a prévia determinação das categorias a inquirir, a análise foi realizada dedutivamente. Depois de confrontados os resultados das análises, foi elaborada a versão final.

Resultados

Não foram observadas diferenças na estrutura das sessões semanais entre as equipas. Nas Tabelas 1, 2 e 3 são apresentadas as percentagens médias do tempo utilizado pelas 12 equipas por categorias do CAIS, por sessão de treino. O Desvio-Padrão é sempre inferior a 1, evidenciando uma grande uniformidade entre a estrutura das sessões de treino de todas as equipas. Da análise das tabelas é possível discernir um padrão semanal, tendo em conta que todas as equipas realizavam os seus jogos ao Sábado. De um modo geral, é possível afirmar que no início da semana se prepara o factor físico, no meio da semana se consolida a técnica e as rotinas defensivas e ofensivas e no final da semana se prepara a tática de jogo. De referir que os jogos reduzidos executados no treino do início da semana se destinam em exclusivo ao condicionamento físico, funcionando como variante de treino intervalado. O jogo formal é muito pouco utilizado até ao final da semana, sem nunca chegar a ocupar um quarto do tempo de treino. De notar também o tempo excessivo dedicado pelos treinadores a falar, dando instruções ou comentando episódios do treino ou da competição, sem que os atletas executem qualquer exercício.

No que diz respeito às entrevistas, oito dos treinadores, os mais velhos e com mais anos de experiência, afirmaram que não se interessam por teorias da Pedagogia, pois a sua abordagem ao treino era eminentemente prática e orientada pelas suas percepções das necessidades da equipa naquele momento concreto. Os outros quatro treinadores conhecem as teorias recentes, nomeadamente o TGfU, mas, na sua opinião, “não resultam”, porque a competição prevalece sobre a aprendizagem activa.

“O excesso de jogos no treino perturba o desenvolvimento da técnica e faz perder o foco no jogo” (treinador 3).

Quanto à tomada de decisão reconhecem a sua importância e concordam que a capacidade de compreender os aspectos táticos do jogo e de “ver” e ler as situações é decisiva para

chegar ao sucesso em níveis elevados de competição. Todavia, quando confrontados com as estratégias que utilizam para a ensinar e aperfeiçoar, todos consideram que qualquer jogo com oposição em treino ou competição representa “treino de tomada de decisão” e que é da responsabilidade do treinador fornecer a boa solução ao jogador.

“Em situações de 3 contra 3, 4 contra 4 ou 5 contra 5, os jogadores têm de decidir porque o exercício é semelhante à competição e se vejo que um jogador decide mal ou não vê o que companheiros ou adversários estão a fazer, paro o exercício e digo ao jogador como resolver o problema” (treinador 1).

Tabela 1. Estrutura do treino de Terça-Feira segundo o sistema CAIS.

Categoria	Classificação	% do tempo (média 12 equipas)
Jogo	Jogos reduzidos	12
	Jogo formal	3
Treino para jogo	Aperfeiçoamento tático	10
	Jogo condicionado	15
Físico/Técnico	Treino funcional e fisiológico	20
	Aperfeiçoamento técnico	20
Gestão do treino	Falas e transições	20

Tabela 2. Estrutura do treino de Quinta-Feira segundo o sistema CAIS.

Categoria	Classificação	% do tempo (média 12 equipas)
Jogo	Jogos reduzidos	25
	Jogo formal	3
Treino para jogo	Aperfeiçoamento tático	10
	Jogo condicionado	10
Físico/Técnico	Treino funcional e fisiológico	15
	Aperfeiçoamento técnico	27
Gestão do treino	Falas e transições	10

Tabela 3. Estrutura do treino de Sexta-Feira segundo o sistema CAIS.

Categoria	Classificação	% do tempo (média 12 equipas)
Jogo	Jogos reduzidos	10
	Jogo formal	23
Treino para jogo	Aperfeiçoamento tático	25
	Jogo condicionado	10
Físico/Técnico	Treino funcional e fisiológico	5
	Aperfeiçoamento técnico	10
Gestão do treino	Falas e transições	15

Discussão

Os resultados confirmam que o argumento de que o treino é acima de tudo uma questão pedagógica, pois é exacta-

mente a mesma lógica que preside à escolha e sequenciação dos exercícios e à organização das sessões de treino englobadas em microciclo competitivo. Ensinar o jogo e planejar e periodizar o treino fundamentam-se nos mesmos alicerces ideológicos. Embora todos assumam que o treino é holístico e não pode ser encarado de modo analítico, curiosamente observa-se a demarcação por factores do treino na estruturação das sessões da semana. O primeiro treino é de dominante física, o segundo de dominante técnica e o terceiro destina-se a preparar o jogo, como se a semana fosse dividida em peças separadas, que fariam sentido juntas no momento da competição.

De realçar que estamos em presença de equipas de sub-16, em fase de formação e especialização, quando o resultado competitivo deveria ser colocado em perspectiva de longo prazo, que não pode visar apenas o desenvolvimento de uma carreira de atleta. (Camiré et al. (2014), no seu estudo com treinadores de jovens canadianos, evidenciam que muitos treinadores assumem que não é preciso um conhecimento especializado para treinar equipas de crianças e adolescentes e que as adaptações positivas ocorrem automaticamente através da simples participação no desporto. Sabemos que não é assim e que as experiências negativas podem acontecer e que o treinador deve estar ciente do efeito do seu treino sobre os seus atletas.

O Basquetebol é um desporto extremamente complexo, de enorme riqueza táctica, que exige segurança na execução técnica para poder decidir em ambientes em constante transformação e em crise de espaço e de tempo. A investigação recente ensina que a tomada de decisão em jogos de equipa se constrói mediante um processo de interacção dinâmico entre o treinador e o atleta, em que este último deve ser estimulado a ser um agente activo na sua própria aprendizagem (Hodge et al., 2014). Por este motivo, algumas federações nacionais têm adoptado as teorias construtivistas nos seus currícula de formação de treinadores, de modo a aperfeiçoar a capacidade de intervenção pedagógica dos seus profissionais, no âmbito da construção do treino e do ensino da tomada de decisão (Reid & Harvey, 2014).

Contudo, existe fundamentado cepticismo na academia sobre a eficácia dos cursos de formação na transformação da prática dos treinadores. Os resultados confirmam pesquisas anteriores que sugerem que os treinadores constroem o seu conhecimento no âmbito da cultura do seu desporto e do seu clube (Cushion, Armour & Jones, 2006; Collins, Burke, Martindale, & Cruickshank, 2014; Stodter & Cushion, 2014). Os investigadores atribuem parte da resistência

dos treinadores à inovação a uma arraigada cultura desportiva, construída e reforçada ao longo de décadas, em que o poder dominante foi reproduzindo as mesmas formas de pensar acriticamente, justificadas como fórmulas de sucesso. Stodter e Cushion (2014) argumentam que os treinadores aprendem imersos numa “doutrina tecno-racional”, que os leva a pensar de modo des-contextualizado, sem atender às exigências de um desporto em mudança, em todos os seus níveis de prática.

Mas parece evidente que o planeamento das sequências e das aprendizagens para a competição surge como a variável que fundamenta a organização do treino e as opções dos treinadores. O pragmatismo, solidamente alicerçado numa cultura de avaliação pela competição, representa uma filosofia de adaptação, sobrevivência e, em alguns casos, de sucesso. Por conseguinte, os treinadores vão sempre privilegiar os meios que produzem resultados de sucesso competitivo. Contextos culturais diferentes podem influenciar a aprendizagem dos treinadores, mas podem também reproduzir as relações de poder existentes.

Os limites do presente estudo são evidentes, dada a complexidade do tema. Dado que as aprendizagens se constroem no tempo, a necessidade de estudos longitudinais surge como evidente. A análise dos efeitos holísticos de diferentes metodologias precisa de desenhos de investigação multi-método, que combinem observação, estudos quase experimentais, com recurso a instrumentos replúcaveis em contextos diversos. Precisamos de mais dados sobre os treinadores de Basquetebol e os seus treinos e a melhor via é ir aos campos e recolher as informações, em estreito contacto com os profissionais no terreno.

Conclusões

Desafiar as actuais crenças e comportamentos dos treinadores é uma tarefa árdua e exigente, mas cada vez mais necessária, que implica questionar os conteúdos e as metodologias pedagógicas dos programas de formação de treinadores existentes, que precisam de evoluir para reduzir o desequilíbrio entre os currícula que buscam providenciar o estado-da-arte pedagógico e a prática cultural e ideológica dos treinadores. Esta não é uma tarefa que pode ser deixada apenas á academia. O presente estudo representa um pequeno passo para mobilizar os pesquisadores e os treinadores para mudanças no ensino do Basquetebol que permitam aos jogadores treinar e jogar melhor, com maior autonomia e satisfação.

Referências bibliográficas

1. Camiré, M., Trudel, P., & Forneris, T. (2014). Examining how model youth sport coaches learn to facilitate positive youth development. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 19(1), 1-17.
2. Collins, D., Burke, V., Martindale, A., & Cruickshank, A. (2014). The Illusion of Competency Versus the Desirability of Expertise: Seeking a Common Standard for Support Professions in Sport. *Sports Medicine*, 45(1), 1-7.

3. Cushion, C., Armour, K., & Jones, R. (2006). Locating the coaching process in practice: models “for” and “of” coaching. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 11(1), 83-99.
4. Hodge, K., Henry, G., & Smith, W. (2014). A case study of excellence in elite sport: motivational climate in a world champion team. *The Sport Psychologist*, 28, 60-74.
5. Kiely, J. (2012). Periodization paradigms in the 21st century: evidence-led or tradition driven? *International Journal of Sports Physiology and Performance*, 7, 242-250.
6. Light, R. (2013). *Game Sense*. London, Routledge.
7. Reid, P., & Harvey, S. (2014). We’re delivering game sense...aren’t we? *Sports Coaching Review*, 3(1), 80-92.
8. Stodter, A., & Cushion, C. (2014). Coaches’ learning and education: a case study of cultures in conflict. *Sports Coaching Review*, 3(1), 63-79.